

Editorial

NEOFASCISMO E PANDEMIA: OS VELOZES DILEMAS DA ATUALIDADE

“O velho mundo agoniza, um novo mundo tarda a nascer, e, nesse claro-escuro, irrompem os monstros” (Antonio Gramsci).

A edição de número 12 da Revista Enfil chega num contexto de caos, em que os acontecimentos parecem se acelerar dramaticamente e, de fato, “irrompem monstros”. Vemos a crise capitalista internacional e a pandemia conjugar os efeitos da ampliação da desigualdade social às mortes causadas pela Covid-19, dando forma ao espectro do neofascismo. Ganham forma, líderes, movimentos, partidos, apoiadores, que forjam o projeto de institucionalização da barbárie, justamente, se valendo do desespero coletivo diante do aprofundamento deste caos causado pelo próprio capitalismo. Exige-se dos intelectuais orgânicos críticos atualizar e refletir sobre os projetos alternativos de sociabilidade, sobre as formas de organização política e a compreensão do fenômeno histórico que ora enfrentamos: uma crítica que de fato supere a desumanidade, não apenas dos “monstros” recentes, mas do capital. Afinal, já são mais de 1,6 milhão de mortos pelo mundo e hoje se observa uma retomada assustadora do crescimento de infectados no Brasil e em várias partes do planeta. ¹ Enquanto isso o crescimento do desemprego em escala global e a estagnação econômica apontam para um quadro recessivo que estremece a geopolítica internacional.

Apesar de tamanhas turbulências parece que as placas tectônicas da política internacional se moveram e tensionaram o signo ultraconservador que vivemos. Não significa a sua superação ou abalo positivo, no entanto, as peças do tabuleiro estão bagunçadas, o que merece aguçar nosso olhar para se esgueirar daqueles equívocos que o setor progressista da classe trabalhadora já cometeu e buscar os tão preciosos

¹ Disponível em <https://www.paho.org/pt/covid19>, acessado em 15/11/2020.

novos “erros”. Eventos como a derrota de Trump, a onda de manifestações antirracistas após o assassinato de George Floyd, o movimento de massas no Chile, que desembocou na aprovação de uma constituinte, que terá como objetivo superar o legado ditatorial e neoliberal de Pinochet, são alguns exemplos do fôlego que recentemente tivemos.

Também no Brasil, tivemos mobilizações de torcidas organizadas em defesa da democracia e as greves dos motoristas de empresas de aplicativo (uma categoria ainda pouco experimentada nas formas de luta dentro deste modelo de trabalho uberizado). Além disso, as manifestações nacionais contra o genocídio contra o povo negro, desencadeadas após a morte de João Alberto no supermercado Carrefour, foram uma forte demonstração de força dos movimentos sociais.

Mas foi o recente resultado das eleições municipais que mostrou um enfraquecimento relativo do bolsonarismo, ainda que comedido, tendo em vista que elegeu menos figuras públicas associadas ao seu líder. É notório que o voto conservador ainda se manteve muito forte, se distribuindo por diversos partidos do “Centrão”, sinalizando que ainda vivemos um período predominantemente conservador, contudo, tal enfraquecimento dos outsiders neofascistas ligados a Bolsonaro, mostra, em algum grau, a perda da potência eleitoral anterior.

Outro sinal de que o tabuleiro teve suas peças embaralhadas foi que a esquerda teve suas tradições abaladas, visto que o PT, o maior partido de esquerda da América Latina, não elegeu nenhum prefeito de capital e dos “630 prefeitos eleitos em 2012, a sigla da estrela vermelha passou a 256 em 2016, e 183 este ano”². Já o PSOL cresceu, ainda que modicamente para o tamanho do eleitorado brasileiro e os partidos de centro-esquerda não tiveram impacto eleitoral expressivo, não forjando iniciativas de Frente Única em larga escala, o que ainda mostra um trágico e clássico limite das esquerdas. Contudo, um elemento de destaque foi a vitória expressiva de candidaturas femininas, negras, periféricas e LGBTQI vindas da esquerda. Um dado eloquente sobre este contraditório cenário, pois, forja um novo perfil geracional de militância, dando centralidade à pauta dos setores sociais historicamente oprimidos.

Contudo, apesar do estremeamento do tabuleiro, em meio a escândalos de corrupção, Bolsonaro segue orientando o governo de acordo com o seu característico negacionismo científico, tornando uma plataforma do governo federal dificultar a

² <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55125336>, acessado em 05 de dezembro de 2020.

vacinação da população contra a Covid-19. Tal qual um youtuber juvenil conservador, Bolsonaro atua criando obstáculos à construção de uma política nacional de vacinação, afirmando mentiras como prática de Estado. Uma versão sui generis de uma política de eugenia contra a população que lota hospitais e perde seus parentes e amigos. Pressionado sobre uma solução em relação à política de vacinação, o ministro da Saúde, General Pazuello desdenhou: “pra que essa ansiedade, essa angústia?”.³

Assim, na velocidade dos acontecimentos, os acirramentos vão tomando formas mais agudas, complexas, evidenciando que, nesta era das radicalidades que vivemos, “monstros” continuam a brotar no oscilar das luzes, mas também as resistências, que chegam neste terreno tão árido ainda inspirando esperanças.

Pensando nisso, buscamos realizar uma edição que expressasse a urgência de refletir sobre os dilemas da atualidade, a despeito do acelerar dos acontecimentos, desafiando esta conjuntura que se mostra como uma máquina impiedosa produtora de anacronismos, que, vez por outra, nos engole a cada atraso. Refletir sobre os fundamentos do capitalismo e o seu movimento mais atual são condições determinantes para que surja algo de fato potente para animar nossos corações em torno de um projeto de sociedade alternativo à barbárie.

Por isso, apresentamos o dossiê “Lendo Gramsci em tempos de pandemia da COVID-19”. Tendo como fio condutor o arcabouço teórico do marxista sardo, a proposta é pensarmos as questões da nossa dramática e veloz realidade, partindo daquilo que gerações predecessoras de lutadores vivenciaram enquanto “tragédia” para, de alguma forma, entendermos a “farsa” que nos metemos. Apresentamos uma resenha sobre o livro “Para Além Da Quarentena: reflexões sobre crise e pandemia”, recentemente lançado, que segue esta mesma orientação de refletir sobre o contexto recente à luz da crítica marxista. Já a entrevista desta edição oferece uma interessante conversa com o dirigente do Sindicato dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro (SEPE) e professor de História, Raphael Motta, que nos conta como têm sido os enfrentamentos ocorridos na Educação Básica diante do negacionismo científico do governo federal e municipal do Rio de Janeiro, que busca reabrir as escolas públicas a custo das vidas e manter a lógica de desmonte do ensino público.

³ Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/16/veja-frases-de-pazuello-e-bolsonaro-durante-anuncio-do-plano-nacional-de-vacinacao-contr-a-covid-19.ghtml>, acessado em 16 de dezembro de 2020.

Finalizamos dedicando este número ao nosso eterno amigo Carlos Eduardo Rebuá, que nos deixou tão prematuramente. Sua militância, reflexões e sorrisos, que tanto nos encantou, marcaram singelamente nossa memória. Ele segue em nós, enquanto inspiração, preche de paixão (gramsciana), para continuarmos firmes a desafiar o mundo.

Eduardo Rebuá, presente!

Luiz Augusto, Reginaldo Costa e Rodrigo Lima.

Dezembro de 2020.